



## “AFROCIENTISTAS: FUTUROS/AS PROFISSIONAIS PARA O BRASIL”

Seu moço, quer saber, eu vou cantar num baião  
Minha história pra o senhor, seu moço, preste atenção<sup>1</sup>  
João do Vale

*Antonio Novaes (Baruty)<sup>2</sup>*

*Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas, Departamento de  
Biologia Molecular, João Pessoa, PB, Brasil.*

*Maria Jannaira Bueno<sup>3</sup>*

*Escola Cidadã Integral Técnica e Estadual (ECITE) Daura Santiago Rangel, João  
Pessoa, PB, Brasil.*

**Resumo:** O presente artigo descreve brevemente a participação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UFPB) nas edições do Projeto Afrocientistas ocorridas nos anos de 2019, 2021 e 2022. Abordamos, especialmente, parte de uma oficina dialogada, realizada em agosto de 2022, cujo foco objetivou trabalhar com o grupo de estudantes a respeito da profissão que pretendem atuar no futuro. Dos 13 participantes, 11 estiveram presentes neste dia; 4 deles apresentaram interesse em carreiras ligadas à segurança pública; 5 em áreas ligadas à saúde; um, pelo campo da administração e um pelos saberes tecnológicos. Ademais, o grupo salienta que as ações educativas, o apoio recebido por meio de bolsa oferecida pelo projeto e viabilizada pela parceria com o Instituto Unibanco, são fundamentais para a efetivação de seus projetos de vida.

**Palavras-Chave:** Afrocientistas; Futuro; Sujeito Suposto Saber; Profissão.

<sup>1</sup> Estrofe da música “Minha história”. Disponível em <https://www.letras.mus.br/joao-do-vale/392375/> Acesso em 02 out. 2022.

<sup>2</sup> Doutor em Bioquímica pela Universidade Estadual de São Paulo. Pós-doutor pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/Portugal. Professor titular do Departamento de Biologia Molecular do Centro de Ciências Exatas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Vice-coordenador do NEABI/UFPB. Coordenador do Projeto Afrocientistas, apoiado pelo Instituto Unibanco. E-mail: antonio.baruty@dbm.ufpb.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8418-2504>.

<sup>3</sup> Doutora em Física e Pós-doutora em Física da Matéria da Condensada pela Universidade Federal da Paraíba; Professora Efetiva de Física na Escola Cidadã Integral Técnica e Estadual (ECITE) Daura Santiago Rangel; E-mail: maria.bueno@professor.pb.gov.br ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7588-7150>.



### “FUTURE PROFESSIONAL BLACK SCIENTISTS FOR BRAZIL”

**Abstract:** This article briefly describes the participation of the Nucleus of Afro-Brazilian and Indigenous Studies and Research (NEABI/UFPB) in the editions of the Afrocientistas Project that took place in 2019, 2021 and 2022. In August 2022, whose focus was to work with the group of students regarding the profession they intend to work in the future. Of the 13 participants, 11 were present on this day; 4 of them showed interest in careers related to public safety; 5 in areas related to health; one for the field of administration and one for technological knowledge. In addition, the group points out that the educational actions, the support received through a scholarship offered by the project and made possible by the partnership with Instituto Unibanco, are fundamental for the realization of their life projects.

**Keywords:** Afroscientists; Future; Subject Supposed To Know; Profession.

### “AFROCIENTISTAS: FUTUROS/AS PROFISSIONALES PARA BRASIL”

**Resumen:** Este artículo describe brevemente la participación del Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UFPB) en las ediciones del Proyecto Afrocientistas que se realizaron en 2019, 2021 y 2022. Agosto 2022, cuyo foco fue trabajar con los grupo de estudiantes sobre la profesión que pretenden ejercer en el futuro. De los 13 participantes, 11 estuvieron presentes ese día; 4 de ellos mostraron interés en carreras relacionadas con la seguridad pública; 5 en áreas relacionadas con la salud; uno para el campo de la administración y otro para el conocimiento tecnológico. Además, el grupo destaca que las acciones educativas, el apoyo recibido a través de una beca ofrecida por el proyecto y posibilitada por la alianza con el Instituto Unibanco, son fundamentales para la realización de sus proyectos de vida.

**Palabras clave:** Afrocientíficos; Futuro; Se Supone Que El Sujeto Sabe; Profesión.

### “AFROCIENTISTES: DE FUTURS PROFESSIONNELS POUR LE BRÉSIL”

**Résumé:** Cet article décrit brièvement la participation du Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UFPB) aux éditions du Projet Afrocientistas qui ont eu lieu en 2019, 2021 et 2022. Août 2022, dont l'objectif était de travailler avec le groupe d'étudiants concernant la profession qu'ils ont l'intention d'exercer à l'avenir. Sur les 13 participants, 11 étaient présents ce jour-là ; 4 d'entre eux ont manifesté de l'intérêt pour les carrières liées à la sécurité publique; 5 dans les domaines liés à la santé ; un pour le domaine de l'administration et un pour les connaissances technologiques. De plus, le groupe souligne que les actions éducatives, le soutien reçu grâce à une bourse offerte par le projet et rendu possible par le partenariat avec l'Instituto Unibanco, sont fondamentaux pour la réalisation de leurs projets de vie.

**Mots clés:** Afroscientifiques; Avenir; Sujet Supposé Savoir ; Profession.



## GIRI-SO:<sup>4</sup> INTRODUÇÃO

No ano da Graça do Senhor de 1500, o império português, tendo à frente o rei católico D. Manuel I, o Venturoso (1469-1521), deu início ao seu projeto de colonização do Brasil, abrindo as portas para o genocídio dos habitantes originários que viviam no “novo” território. Oficialmente, em conformidade com Schwarcz e Gomes (2018), foi no período compreendido entre 1545 e 1550 que se inaugurou a diáspora dos diferentes grupos étnicos africanos em direção a então colônia de além-mar, o Brasil. De maneira que a chegada da gente africana se deu pelo comércio/tráfico “de almas” até o ano de 1850, extinto pela Lei Eusébio de Queirós (Schwarcz; Gomes, 2018, s.p.) e somente em 13 de maio de 1888 findou a escravização dessa população. Há que se lembrar que em tal data, tão significativa no mundo das letras, marca o natalício do escritor Lima Barreto (1881-1922).

Com o pós-abolição, nem mesmo o convite para “preparar lindos mamulengos”,<sup>5</sup> ou seja, celebrar a liberdade conquistada, livrou-nos da matéria publicada no *Diário do Maranhão*<sup>6</sup> em 14 de maio mês e 1888, pois o texto expressou percepções que grassavam nas mentes de significativa parcela da população que, por séculos, havia naturalizado o escravismo de africanos/as e seus descendentes:

Aperfeiçoar-se por meio de reforma, que se tornam urgentes, e das quaes é indispensável a criação de leis repressivas contra a vagabundagem e a ociosidade. Centenares de individuos sem officio, e que terão horror ao trabalho, entregando-se porisso a toda a sorte de vícios. Precisam ficar sob um rigoroso regime policial, para assim poderem ser mais tarde aproveitados.

Com proclamação da República, em novembro de 1889, após dezoito meses da abolição da escravidão, uma importante representação da nação, qual seja, o *Hino da*

---

<sup>4</sup> Léxico originário do povo Dogon que habita o Mali e Burquina Faso, dois territórios da África Ocidental: “antepalavra”, momento em que se teria acesso às informações mais descritivas e básicas (KARENGA, 2009, p. 341).

<sup>5</sup> Estrofe da música Onde o Brasil aprendeu a liberdade. Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/martinho-da-vila/onde-o-brasil-aprendeu-a-liberdade.html>>. Acesso 10 Out. 2022.

<sup>6</sup> Fonte: *Diário do Maranhão*. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/720011/per720011\\_1888\\_04405.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720011/per720011_1888_04405.pdf)>. Acesso 10 de Out. 2022.



*Proclamação da República* de 1890, minimizava a secular subjugação da população negra, de mais de 343 anos de sofrimento e humilhação ao pronunciar que “[...] Nós nem cremos que escravos outrora tenha/ Tenha havido em tão nobre país [...]”. Segue afirmando que havia uma igualdade e uma irmandade, porém predominou (e predomina) as dissemelhanças sociorraciais no Brasil. Nessa mesma abordagem, após mais de sete décadas, o hino do Rio Grande do Sul, oficializado em 1966, também nos apresenta uma contundente demonstração de racismo e discriminação contra esse grupo racial, pois sua quarta estrofe liga diretamente a falta de virtude à escravidão<sup>7</sup>, conforme segue:

Mas não basta pra ser livre  
ser forte, aguerrido e bravo,  
povo que não tem virtude  
acaba por ser escravo.

Mesmo no século XXI, nesse estado do sul do Brasil, houve tentativa de reinserir no cântico estadual uma estrofe nitidamente eurocêntrica<sup>8</sup>, suprimida em 1966:

Entre nós reviva Atenas  
Para assombro dos tiranos;  
Sejamos gregos na Glória,  
E na virtude, romanos.

Os exemplos aqui citados nos indicam imagens preconceituosas e naturalização da condição da população negra. Além disso, na primeira metade do século XX, existiam correntes médicas eugênicas e produções literárias que defendiam a inferioridade e subalternidade da população negra (Silva, 2020, s.p.). Todas essas representações e interpretações, de certa maneira, tem obstaculizado as mudanças e reformas sociais, com o reconhecimento de Direitos Humanos da gente que tem na pele o “negrume da noite”.<sup>9</sup>

Ao quantificarmos estes anos (cerca de 475 anos) nos quais encontramos o território brasileiro, como colônia, império e república, podemos assinalar que perdurou a escravização da gente negra por cerca de 343 anos e somente 132, sem que houvesse a comercialização das “almas negras”. Entretanto, as pessoas negras no Pós-Abolição e na

---

<sup>7</sup> Estrofe do hino do Rio Grande do Sul. Disponível em <https://regionalismogaicho.weebly.com/hino-riograndense.html>. Acesso 22 de Dez. 2022.

<sup>8</sup> Estrofe do hino do Rio Grande do Sul. Disponível em <https://regionalismogaicho.weebly.com/hino-riograndense.html>. Acesso 22 de Dez. 2022.

<sup>9</sup> Música disponível em: <https://www.vagalume.com.br/margareth-menezes/o-negrume-da-noite.html>. Acesso 22 de Dez. 2022.



República sentiram fortemente os seus impactos sociais em suas vidas, em razão da ausência de políticas públicas e de discriminações raciais e de classe.

Historicamente, a resistência tem sido a resposta de segmentos da população negra no enfrentamento ao racismo e ao preconceito, à discriminação, bem como às invisibilidades dispensadas ao povo afrodiáspórico. Uma grande preocupação dos/as ativistas tem sido com a questão educacional, a qual sabidamente, abre portas, permite a inserção/mobilidade social. Nesse sentido, com a promulgação da Lei nº 10.639/2003 podemos trazer “a história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar”,<sup>10</sup> pois, em concordância com Paulinho da Viola<sup>11</sup>, também afirmamos que a “história desse negro é um pouco diferente”, posto que a educação na maioria dos estabelecimentos de ensino mantém-se uma perspectiva colonizada e, em geral, perpetua uma memória histórica na qual os/as vencedores/as buscam apagar a memória dos/as vencidos/as de forma a manter a dominação (De Decca, 1992 *apud* Cury, 2013, s.p.).

Em 1985, com o término da Ditadura Civil-Militar, nossa sociedade volta a respirar os ares democráticos, porém mantendo o racismo estrutural, a invisibilidade e o apagamento histórico-social, não acertando as contas com o passado, abordando, adequadamente a “questão racial” como um tema a ser debatido amplamente pela sociedade. Lélia Gonzalez expõe uma síntese daquele período: “para mim, enquanto membro da comunidade negra, não tem novidade nenhuma. O que aconteceu? Onde está um ministro negro aí? Onde está, por exemplo, um Conselho Nacional de Direitos do Negro? Nada disso foi criado” (2020, p. 238).

Na esteira do processo de redemocratização passamos a conviver, desde 1988, com a 7ª Constituição da República, que foi denominada de Cidadã<sup>12</sup>, a qual no inciso VIII do artigo quarto declara “repúdio ao terrorismo e ao racismo”, e a qual assevera no artigo quinto “que todos são iguais perante a lei”, garantido ainda no inciso XLII, deste mesmo artigo, a prática do racismo como um “crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. Em relação à denominação cidadã recebida pelo texto constitucional, Gomes e Rodrigues (2018, p. 928) a questionam e ao mesmo tempo respondem à pergunta elaborada:

---

<sup>10</sup> Estrofe da música História pra Ninar Gente Grande. Disponível em <<https://www.letras.com.br/samba-enredo/mangueira-2019>>. Acesso 02 out. 2022.

<sup>11</sup> Estrofe da música Uma história diferente. Disponível <<https://www.letras.mus.br/paulinho-da-viola/1746317/>>. Acesso 02 out. 2022.

<sup>12</sup> Constituição do Brasil. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso 18 out. 2022.



Entretanto, de quais cidadãos falamos quando pensamos na constituição cidadã? No contexto das desigualdades sociorraciais, de gênero e econômicas, sabemos que determinados sujeitos sempre estiveram não somente fora do direito à cidadania. A exclusão e a discriminação sobre eles impostas historicamente pelas relações de poder os retiravam, também, do imaginário cidadão. Eles são os negros, as mulheres, os quilombolas, os indígenas, as pessoas do campo, as pessoas com deficiência, a população LGBT.

Apesar dos limites dessa lei magna, no decorrer das décadas entraram em vigor instrumentos normativos como os seguintes Estatutos: 1) o da Criança e do Adolescente, Lei N<sup>o</sup> 8.060/1990; 2) o da Pessoa Idosa, Lei n<sup>o</sup> 10.741/2003; 3) o da Igualdade Racial, Lei N<sup>o</sup> 12.288/2010; e 4) o da Juventude, Lei N<sup>o</sup> 12.852/2013, entre outros, visando a construção de uma cidadania mais plural.

Em relação especificamente ao documento relativo às crianças e aos adolescentes, Kuhn Junior e Mello (2020,s.p.) nos afirmam que esse ainda não respeita a diversidade encontrada no Brasil, uma vez que são variadas as necessidades sociais dessas duas faixas etárias. Da mesma forma, o Estatuto da Juventude não amplifica o direito da escolarização no ensino superior por meio das políticas temporárias de ação afirmativa, como a Lei de Cotas (N<sup>o</sup> 12.711/2012), considerado uma forma de enfrentar as iniquidades educacionais. Nas palavras de Gomes (2001, p. 6-7) deveriam ser:

[...] políticas públicas (e também privadas) voltadas para a concretização do princípio constitucional da igualdade material e para a neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Impostas ou sugeridas pelo Estado, por seus entes vinculados e até mesmo por entidades puramente privadas, elas visam a combater não somente as manifestações flagrantes de discriminação, mas também a discriminação de fundo cultural e estrutural, enraizada na sociedade. De cunho pedagógico e não raramente impregnadas de um caráter de exemplaridade, têm como meta, também, o engendramento de transformações culturais e sociais relevantes, inculcando nos atores sociais a utilidade e a necessidade da observância dos princípios do pluralismo e da diversidade nas mais diversas esferas do convívio humano.

O Estatuto da Igualdade Racial, por sua vez, a principal normativa racial no Brasil resultante de lutas dos movimentos negros, instituiu a implementação de políticas e de igualdades de oportunidades para a população negra em âmbito social, incluindo o direito à educação em todos os níveis de formação. Assim, diante do grande desafio de garantir diversidade sociorracial e a ampliação da escolarização de estudantes negros/as,



compreendemos a importância do Projeto Afrocientistas, apoiado pelo Instituto Unibanco, o qual oferece suporte financeiro, pela intermediação de iniciativa da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), no campo da Iniciação Científica de Discentes do Ensino Médio (escolas públicas), e em parceria com o Consórcio Nacional dos NEABIs (Coneabs). As atividades são desenvolvidas por 12 NEABs ou por NEABIs de universidades públicas, localizadas em 10 estados da Federação e no Distrito Federal, assim distribuídos: Centro Oeste: Goiás; Norte: Acre, Amazonas, Pará, Tocantins e Amapá; Nordeste: Maranhão e Paraíba; Sudeste: Minas Gerais.

O título do presente trabalho, longe de ser a criação das pessoas que o escreveram, é uma frase que o grupo de Afrocientistas, regularmente matriculado/a em uma escola pública estadual da periferia de João Pessoa/PB, elaborou visando a participação no desfile cívico do dia 07 de setembro do ano de 2022.

Ao lê-lo é importante que não se deixe levar pelo discurso simplista do senso comum e afirmar que o título reflete um ufanismo, um patriotismo, talvez ingênuo em prol de um Brasil que, historicamente, há mais de quatro séculos vem tratando negros/as como pessoas de segunda categoria. A denominação do texto, muito pelo contrário, mostra a esperança de um conjunto de adolescentes negros/as que acredita que, por meio da educação, ocuparão um lugar em nossa sociedade, muito provavelmente em condições sociais e econômicas mais favoráveis que as gerações de familiares dos quais são descendentes.

Os/As discentes mencionados/as não se mostram alienados/as, pois sob uma perspectiva lacaniana “não transferiram para outrem o domínio ou a propriedade de alguma coisa [a eles/as] até aquele momento” (Almeida, 2017, p. 51) e por estarem dispostos/as e incentivados/as a assumirem seus papéis como protagonistas na sociedade, poderão fazê-lo entendendo que “um[a] filho[a] teu não foge à luta<sup>13</sup>”, pois inserem-se como protagonistas na conquista de um país democrático e com igualdade de oportunidades (Morais; Ramos, 2013, p. 123).

Ao problematizarmos o termo futuro, considerando-se o educador do Leão do Norte, Paulo Freire (1921-1997), encontramos que tendo-se a “História como possibilidade não há lugar para o futuro inexorável. Pelo contrário, ele é sempre

---

<sup>13</sup>Estrofe do Hino Nacional brasileiro. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/hinos-de-paises/46368/>>. Acesso em 12 out. 2022.



problemático” (Freire, 2000, p. 57), pois é “um amanhã que não está sendo dado de antemão” (Freire, 2000, p. 21), tornando-se assim, um tempo a frente que deve ser historicamente construído (Freire, 2000, s.p.).

Assim, em conformidade com o exposto, objetivamos apresentar um breve relato da participação do NEABI/UFPB nas edições 2019, 2021 e 2022 do Projeto Afrocientistas, assim como expor algumas reflexões a respeito das expectativas de 11 dos/as 13 educandos/as, que foram acompanhados/as pelo docente e pela docente do Projeto e autor/autora deste artigo, durante o ano de 2022, em relação a profissão que cada um deles/as pretende desenvolver no futuro.

### SO-DAYI:<sup>14</sup> DESENVOLVIMENTO

As atividades presenciais do Projeto Afrocientistas, nos anos de 2019, 2021 e 2022, desenvolveram-se, majoritariamente, por meio de oficinas realizadas com uma periodicidade semanal, por intermédio de rodas de conversa, pois a mesma permite “um diálogo libertador, uma conversa entre pares” (Silva; Benedictis, 2021, p. 269). Através dessa técnica, tivemos a oportunidade de ouvir, sem hierarquias, os/as diferentes participantes, levando assim em consideração “a teoria lacaniana [que] considera a linguagem como o fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano” (Gonzalez, 2020, p. 55). Porém, a metodologia trabalhada passou por modificações ao longo triênio.

No ano de 2019, quando ainda desconhecíamos que o medo e a incerteza se abateriam sobre a humanidade com a pandemia da Covid-19, tivemos a oportunidade de trabalhar presencialmente e também de realizar duas aulas de campo. Na primeira delas, Afrocientistas passaram uma manhã acompanhando as atividades do Segundo Congresso dos/as Pesquisadores Negros/as do Nordeste (II Copene/Nordeste), realizado na UFPB. Na segunda a aula de campo, os discentes do Projeto Afrocientistas aprenderam sobre monumentos arquitetônicos, previamente, com eles/as discutidos e que remetiam ao *Ta-meri* (Antigo Egito). Em 2021 vivíamos sob o estigma da peste, que somente no Brasil, levou para os Campos de Junco, aproximadamente 700 mil almas. Diante desse panorama

---

<sup>14</sup>Léxico originário do povo Dogon que habita o Mali e Burquina Faso, dois territórios da África Ocidental: “a palavra nítida” – que se ocupa com o conhecimento em sua complexidade e com sua aplicação prática (Karenga, 2009, p. 355).

as atividades foram todas virtuais, com variados/as palestrantes negros/as que expuseram suas experiências profissionais, com o propósito que os/as Afrocientistas vislumbrassem algumas possibilidades no mundo do trabalho.

Em 2022, após a conturbada campanha de vacinação iniciada em janeiro de 2021, sob a denominação de um “novo normal”, retomamos as atividades presenciais na escola, com o uso de máscaras e o distanciamento social. Todavia, com os surgimentos de surtos da Covid-19 tivemos que realizar alguns encontros no modo virtual. Na abertura da atividade realizada no dia 17 de agosto de 2022, ao longo das apresentações, cada Afrocientista dizia seu nome, idade e que profissão gostaria de desenvolver na vida adulta. Na semana seguinte desenvolvemos, com o grupo, a oficina intitulada: “No que trabalharei amanhã?”. Na abertura da roda de diálogo solicitamos que escrevessem um breve texto no qual explicitassem o motivo da escolha do ofício que pretendiam desenvolver no tempo a frente, o futuro<sup>15</sup>.

O material produzido foi submetido a metodologia de Análise de Conteúdo Temática, de acordo com as recomendações de Bardin (2006, s.p.). Além disso, por meio da leitura oscilante as unidades de registro da escrita, elementos obtidos através da decomposição do conjunto de mensagens (Gomes, 2012, s.p.) foram captadas e analisadas. Algumas dessas categorias foram discutidas tendo por base conceitos psicanalíticos, elaborados a partir das proposições de Jacques Lacan (1901-1981) e seus/suas seguidores/as.

Visando preservar o máximo possível a identidade de cada um/a dos/as Afrocientistas, nos utilizamos de denominações fantasias que referenciam personalidades negras que se mostravam relacionadas às profissões que os/as discentes pretendiam exercer em suas vidas vindouras. Assim agimos no sentido de homenagear estes/as pessoas negras, bem como para humanizar o processo de ocultação da identificação, e recuperar os nomes desses/as pessoas negras com destaque é uma forma de tirá-las do esquecimento, trazendo-as para o campo da memória e com a esperança que cada uma deles/as, por intermédio destas denominações sejam perpetuados/as, pois o “nome eterniza o sujeito, mas não o seu corpo” (Lacan, s.d. *apud* Almeida, 2017, p. 37); uma

---

<sup>15</sup> A partir da fala dos/as Afrocientistas três profissionais foram convidados/as para que conversassem sobre suas atividades laborais. Em 22/09, Lucas Sena Lima tratou do tema: A carreira do policial militar: uma visão geracional sobre a preparação e atuação. No dia 10/10, Jean de Cássio Quirino dissertou sobre o tema concursos públicos e seus desafios e, finalmente, no dia 20/10, Rita de Cássia Evangelista (Rita Black) falou sobre estética negra: cabelo afro, aceitação e poder. As três palestras ocorreram via *Google Meet*.



vez que consideramos “a memória um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva” (Le Goff, *apud* Cury, 2013, p. 36).

### RESULTADOS E DISCUSSÕES PROFESSOR/A NO FUTURO QUERO SER....

Um dos objetivos do Projeto Afrocientistas é contribuir com adolescentes e jovens negros/as a ingressem no ensino universitário. Nesse sentido, ao perguntarmos para o grupo de discentes, ouvimos que sonhavam, que queriam, que desejavam ser: policiais, enfermeiros/as, médicos/as, tatuador/a (Quadro 1), assim temos 4 deles/as apresentaram interesse em carreiras ligadas à segurança pública, 5 em áreas ligadas à saúde, um interessa-se pelo campo da administração e um último pelos saberes tecnológicos. O horizonte de escolhas dos/as Afrocientistas esteve próximo ao descrito por Lacerda et al (2020), que também trabalharam com adolescentes de uma escola da rede pública de Belo Horizonte/MG.

Dois Afrocientistas manifestaram interesse em exercerem cargos como oficiais da Polícia Militar. Para o primeiro deles foi escolhido o pseudônimo do herói negro pernambucano Henrique Dias (?-1662) filho de africanos/as, provavelmente escravizados/as que foi alforriado quando criança. Em 1636 alistou-se nas tropas que combateram “em Guararapes entre flechas e tacapes, facas fuzis e canhões”,<sup>16</sup> destacando-se ao longo do conflito por atos de heroísmo e bravura (Gomes; Lauriano; Schwarcz, 2021, s.p.). Já para o segundo o alônimo foi escolhido Antonio Candeia (1935-1978), um ex-policia que participou intensamente do ressurgimento das lutas de reivindicação antirracista em meados dos anos 1970. Cantor, compositor e fundador do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo (Treece, 2018, p. 166-168). Das Afrocientistas, uma anseia ser delegada da Polícia Federal e assim seu criptônimo foi Maria Clementina de Souza (1901-1987), a primeira delegada negra que atuou na cidade de São Paulo/SP. Para a discente que almeja ser policial ou bombeira militar escolhemos a personagem Dandara dos Palmares (?-1694), pois tal Afrocientista, em oficina realizada no segundo semestre de 2021, expressou em relação a sua futura

---

<sup>16</sup>Estrofe da música onde o Brasil aprendeu a liberdade. Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/martinho-da-vila/onde-o-brasil-aprendeu-a-liberdade.html>>. Acesso 10 out. 2022.



profissão: “Professor, não quero ser oficial não. Quero estar lá na linha de frente”, isto é, envolvida em ações que assegurem uma melhor segurança da sociedade.

Para a área de saúde, três Afrocientistas manifestaram a vontade de serem médicas e assim cada uma delas recebeu como pseudônimo os nomes das três primeiras médicas negras formadas pela prestigiada Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). A primeira delas foi Maria Odília Teixeira (1884-1970), que iniciou sua graduação no ano de 1904 e se formou em 1909. Sua tese doutoral versou a respeito dos malefícios causados pelo alcoolismo: *Algumas considerações acerca da curabilidade e do tratamento das cirroses alcoólicas* (Santos; Santos, 2019, p. 62). A segunda médica negra que trouxemos para emprestar seu nome a uma de nossas Afrocientistas foi Ítala Silva de Oliveira<sup>17</sup> (1897-1984), que iniciou o curso de obstetrícia em 1921 e finalizando no ano de 1927, após defender a tese: *Da sexualidade e da Educação Sexual*, propondo a instrução feminina e a importância da educação sexual para as mulheres. O terceiro nome foi o de Cleonice Assumpção Alakija (1910-2000), que em 1926, com apenas 16 anos de idade, iniciava seus estudos na FAMEB e que foram concluídos no ano de 1931, tendo sido contratada como professora dessa instituição para a cadeira de Otorrinolaringologia (Santos, 2021, s.p.).

Ainda para o campo de saúde tivemos um discente interessado na área de enfermagem e uma estudante voltada para educação física. O futuro enfermeiro, denominado como Antonio José Dutra (?-1849), que foi um escravizado originário do Reino do Congo (África Centro Ocidental), o qual atuou no Rio de Janeiro Imperial como sangrador barbeiro, tendo conquistado sua alforria em 1820 (JEHA, 2017). Já a futura educadora física foi cognomeada como Maria da Conceição Silva (1937- ), que é professora aposentada da Universidade de Maringá/PR, graduada em Educação física (1969), com especialização em Atletismo pela Universidade Estadual de Londrina/PR (1983) e aperfeiçoamento na Universidade de Mains na Alemanha (1978).

Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) foi o nome que usamos para designar o Afrocientista que direcionou sua área de interesse para os Recursos Humanos. Ramos foi um dos mais importantes intelectuais negros, acadêmico do século XX, como sociólogo assessorou o presidente Getúlio Vargas em seu segundo governo (1951/54) e ocupou, dentre outros postos a Secretaria Executiva de Amparo a Média e Pequena Empresa do

---

<sup>17</sup> Para saber mais: < <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-2364/biografia-de-itala-silva-de-oliveira>>



Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE, criado em 1952) em Gomes; Lauriano; Schwarcz, 2021. Para o estudante que tem como meta ser *designer* e tatuador, escolhemos o pseudônimo Emanuel Araújo (1949-2022), colecionador, curador e diretor do Museu Afro-Brasil; autor do célebre obra “A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica”, um renomado multiartista e que nos deixou um relevante legado, tanto no campo intelectual quanto idealizador e gestor de espaços de memórias, cujas representações retiram a cultura afrodiaspórica da invisibilidade.

**Quadro 1:** Caracterização parcial dos/as 11 Afrocentistas atendidos pelo Projeto

	<b>Codônimo</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor/IBGE</b>	<b>Bolsista</b>	<b>Série matriculada em 2022</b>
1	Henrique Dias	Oficial da Polícia	16	Preta	Sim	Segunda
2	Dandara dos Palmares <sup>18</sup>	Policial ou Bombeiro Militar	20	Preta	Sim	Segunda
3	Antonio Candeia <sup>19</sup>	Oficial da Polícia	18	Não declarou	Sim	Segunda
4	Emanuel Araújo	Designer/tatuador	16	Parda	Sim	Primeira
5	Maria da Conceição Silva	Educadora física/Jogadora de futebol	18	Preta	Sim	Terceira
6	Antonio José Dutra	Enfermeiro	16	Parda	Não	Primeira
7	Guerreiro Ramos	Diretor de RH	17	Não declarou	Não	Terceira
8	Maria Clementina de Souza	Delegada da Policial Federal	19	Parda	Não	Terceira
9	Maria Odilia Teixeira	Médica pediatra	18	Parda	Sim	Terceira
10	Cleonice Assumpção Alakija	Médica cirurgiã	15	Parda	Sim	Primeira
11	Ítala Silva de Oliveira	Médica	16	Parda	Não	Primeira

Fonte: Projeto Afrocentistas, 2022.

Os Afrocentistas paraibanos/as encontram-se matriculados/as, como dito, em uma escola pública inaugurada em 1988, localizada no Bairro José Américo de Almeida, uma homenagem ao escritor da obra *A Bagaceira* e político com destaque local e nacional (ministro da Era Vargas). Oficializou-se o estabelecimento escolar pelo Decreto nº 12.354, de 12 de janeiro de 1988. Por sua vez, a educadora paraibana Daura Santiago

<sup>18</sup> Dandara dos Palmares participou das três edições do Projeto Afrocentista.

<sup>19</sup> Antonio Candeia foi um dos/as integrantes das atividades desenvolvidas desde a segunda edição no ano de 2021.



(1908-1986, nascida em Monteiro) nomeia a escola que reúne estudantes de três bairros (José Américo, Jardim Laranjeiras e do Colibris).

O Bairro do José Américo, surge a partir do conjunto habitacional de mesmo nome, tendo como alicerce uma parceria firmada em 1978, entre os Governos do Estado e Federal, nas gestões do então governador Ivan Bichara Sobreira (1918-1998) e do então presidente Ernesto Geisel (1907-1996). Este conjunto e outros, da cidade de João Pessoa, passaram a ser chamados de bairros em cumprimento ao Projeto de Lei n.º 1574, de 04 de setembro de 1998, aprovado pela Câmara Municipal de João Pessoa (Souza; Silva, 2011, s.p.).

Em termos de estrutura física, o estabelecimento escolar conta com instrumentos de acessibilidade, cozinha que permite o fornecimento de alimentação para a comunidade escolar, biblioteca, quadra para a prática de esportes, sala de leitura, 8 salas de aula, bem como laboratórios de ciências: biologia, química, matemática/robótica, física e de informática. O ensino ofertado, em tempo integral, é profissionalizante formando os/as discentes nos cursos de Técnico/a em Vendas ou em Informática.

### **APRESENTANDO OS/AS AFROCIENTISTAS**

Nesta terceira edição do projeto contamos com a participação de 13 discentes, sendo 8 bolsistas, dos quais 3 são do sexo masculino e 5 do feminino. Dos/as 5 estudantes voluntários, três são garotas e dois rapazes. Na ocasião que desenvolvemos a atividade na qual cada um deles/as escreveu a respeito da profissão que gostaria de desempenhar no futuro (22 de agosto de 2022), contabilizamos as presenças de 11 estudantes, sendo 5 do sexo masculino, dos quais três eram bolsistas, e 6 do feminino, destas 4 eram bolsistas. Esses/as discentes receberam suporte financeiro do Instituto Unibanco. O apoio se estende ainda ao pagamento de uma bolsa para um/a discente de graduação que atua junto ao projeto, sendo que o numerário é depositado, mensalmente pela Coordenação Nacional do Projeto, na conta corrente de cada bolsista. O NEABI recebe ainda uma taxa de bancada que propicia a aquisição, principalmente, de insumos que são utilizados na realização das ações educativas e de formação.



De acordo com as autodeclarações da cor/raça, em concordância com as categorias censitárias do IBGE tivemos uma discente preta e outros/as 10 pardos/as. Todos/as foram agregados/as na categoria negro/a, pois observamos que a

[...] agregação de pretos e pardos e sua designação como negros justificam-se duplamente. Estatisticamente, pela uniformidade de características socioeconômicas dos dois grupos. Teoricamente, pelo fato de as discriminações, potenciais ou efetivas, sofridas por ambos os grupos, serem da mesma natureza. Ou seja, é pela sua parcela preta que os pardos são discriminados. A justificativa teórica é obviamente mais importante, pois ao fornecer uma explicação para a origem comum das desigualdades dos pretos e dos pardos em relação aos brancos, coloca os dois grupos como beneficiários legítimos de quaisquer ações que venham a ser tomadas no sentido de reverter o quadro histórico e vigente dessas desigualdades (Osório, 2003, p. 26).

A idade média global do grupo foi de 17,0 anos, porém ao desagregarmos este dado, tendo por base o sexo, encontramos uma diferença de aproximadamente 12 meses, sendo esta de 17,3 e 18,2 anos para eles e elas, respectivamente.

## **LEGISLAÇÕES OBSOLETA, SOBREVIVÊNCIA E OS/AS AFROCIENTISTAS**

Após a Constituição Cidadã de 1988, aparatos legais foram constituídos no sentido de propiciar um suporte as populações vulneráveis tendo por base as faixas etárias. Assim, nossa sociedade passou a conviver com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Estatuto da Juventude (EJA). O primeiro, Lei Nº 8.060/1990,<sup>20</sup> assevera por meio de seu Artigo 2º que os/as adolescentes são aquelas pessoas que apresentam “entre doze e dezoito anos de idade”. O segundo, Lei Nº 12.852/2013<sup>21</sup>, ressalta por meio do parágrafo 1º do artigo 1º que “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”,

A comparação das faixas etárias destes marcos legais nos mostra uma sobreposição que ocorre entre os 15 e 18 anos de idade e assim nesse grupo etário a pessoa mostra-se “protegida” por ambas as leis, algo que ocorre para 10 dos/as Afrocientistas

---

<sup>20</sup>Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso 14 de Out. 2022.

<sup>21</sup>Estatuto da Criança e da Juventude. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm)>. Acesso 14 de Out. 2022.



que são os/as jovens/adolescentes (Souza; Paiva, 2012). Ainda com base neste critério legal e na idade encontramos que todo o grupo pode ser classificado junto a categoria jovem.

Trazemos estes marcos, num sentido de mostrar que a inserção dos/as Afrocientistas no enquadramento legal em vigor, porém é de fundamental importância salientarmos que ambas as normativas foram elaboradas como “uma forma de garantir a continuidade do padrão de poder mundial capitalista e de suas instituições [...] sendo aqui emblemática a colonialidade do saber, que considera o saber eurocêntrico como superior aos demais, na perspectiva de Kuhn Júnior; Mello (2020, p. 304)”.

Nos encontramos aqui diante de duas importantes etapas da vida do ser humano, as quais não podem ser reduzidas a uma faixa etária ou a limites cronológicos, pois concordamos com Levisky (1998, p. 26) quando esse autor afirma que a adolescência varia “de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra”. Por outro lado, a juventude também não se mostra caracterizada apenas por uma etapa da vida, pois compreende fatores relacionados, dentre outros, a modificações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, raça e gênero (UNESCO, 2004 s.p.).

De maneira que, tanto diante da adolescência quanto da juventude, não nos encontramos perante uma experiência universal e única, sendo que para ambas é válida que sejam expressas no plural para que possam, mesmo que, minimamente, representarem as diversidades, bem como as adversidades vivenciadas pelas pessoas, pois entre adolescentes das classes populares nem sempre há tempo para esta etapa da vida ser exclusivamente uma transição para a juventude e, posteriormente, para a adultez. Em muitos casos, as responsabilidades relacionadas à sobrevivência e deveres da vida adulta se impõem já nesta etapa.

Tal situação concreta nos foi apresentada por alguns discentes, cujos codinomes eram Dandara dos Palmares, Maria Clementina de Souza e Emanuel Araújo. Elas e ele aludiram a importância do apoio financeiro que receberam do projeto. Dandara nos afirmou que passou “por várias situações complicadas em casa, agradeço muito o projeto por isso [pude comprar] coisas que falta em casa, como gás de cozinha, pagar energia, comprar mistura [proteína] pra dentro de casa...”. Explicação semelhante pode ser percebida no discurso de Maria Clementina, que assim se expressou:



Pra falar a verdade, quando eu decidi entrar no projeto eu nunca imaginei que tivesse a oportunidade de receber a bolsa, e quando a professora Jannaira disse que eu tinha uma bolsa pra mim, eu fiquei surpresa. Daí então foi luta pra conseguir a bolsa a professora Jannaira me ajudou muito, e hoje eu sou muito grata a ela. E ela contribui pra questão de casa, porque minha família não tem muitas condições, e essa bolsa me ajudou muito, e ainda me ajuda.

Ainda, em relação ao auxílio financeiro Emanuel Araújo afirma que “recebemos por estar em desvantagem e isso pode gerar mais oportunidades, [e] tem bastante importância [pois] tem gente que “pára” de estudar pra ajudar em casa e a bolsa pode ajudar bastante”.

Com os três depoimentos das/os discentes da Escola Daura S. Rangel percebemos como um módico fomento pode fazer a diferença no cotidiano de estudantes em situação de vulnerabilidade social. No que tange as normativas (ECA e EJA) que deveriam atender as demandas desses grupos sociais, percebemos que muitas das determinações não são cumpridas, como criação de programas sociais. O ECA<sup>22</sup>, por exemplo, em seu parágrafo segundo do artigo 90 refere-se:

As entidades governamentais e não governamentais deverão proceder à **inscrição de seus programas**, especificando os regimes de atendimento, na forma definida neste artigo, no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária. Grifos nossos.

O artigo sétimo do EJA<sup>23</sup>, por sua vez, assevera que o “jovem tem direito à educação de qualidade, com a garantia de educação básica, obrigatória e gratuita, inclusive para os que a ela não tiveram acesso na idade adequada”. Seja na forma da participação em programas governamentais ou não, seja no que se refere à educação. Apesar de revisões no ECA, não há um recorte de inclusão, por meio de cotas para adolescentes e jovens, economicamente pobres e/ou em estado de vulnerabilidade. Tratar os desiguais ante o mesmo princípio legal, é um dos aspectos da colonialidade poder, que estão presentes em ambos os estatutos, e põe-nos a argumentar contra tamanha injustiça e a sua persistência na “modernidade”.

---

<sup>22</sup>Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso 14 de Out. 2022.

<sup>23</sup>Estatuto da Criança da Juventude. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm)>. Acesso 14 de Out. 2022.



A aprovação em um curso universitário, a inserção no mundo do trabalho, são duas das expectativas que recaem, por exemplo, sobre os ombros de adolescentes e jovens e assim, já com esta responsabilidade em mente procuram responder ao que é deles/as esperado e passam a vincular sua profissão futura com termos tais como sonho, desejo, meta e projeto de vida e com estes termos busca elaborar o caminho que os/as leve até a conquista pretendida (Loyola *et al*, 2021, p. 11).

A leitura oscilante realizada para a confecção da análise de conteúdo permitiu que os termos descritos por Loyola *et al* (2021, p. 1-13) fosse identificado nos discursos do grupo de Afrocientistas, esses integraram as unidades de registro as quais passaram a ser contextualizadas. De forma que analisamos as seguintes categorias: sonho, esforço, metas e objetivos.

### SONHO E ESFORÇO

Foram duas unidades de registro presentes, por exemplo, nos discursos dos Afrocientista Henrique Dias, o qual coloca que procurará se “esforça[r] e fazer o ENEM, entrar em concurso para conseguir a minha profissão dos sonhos”. Já Maria Clementina de Souza afirma que pretende se “esforçar e dar meu máximo pra estudar bastante e um dia me torna[r] uma AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL<sup>24</sup>, porque isso é um sonho meu desde pequena, e eu com todo meu esforço vou conseguir”. Guerreiro Ramos, por seu turno, relaciona o seu sonho com a aprovação no Exame Nacional do ensino médio, o ENEM, segundo ele é “muito importante se preparar para o ENEM, o Enem é uma avaliação para provar que estamos preparados para caminhar para o nosso futuro profissional”, posicionamentos que entram em consonância com Domingos (2011, p. 6) quando nos afirma que o “tempo que está à frente, é marcado pelas intenções do presente ativo”.

Nas três expressões encontramos o sonho, o esforço, o provar, que em conjunto dão uma nítida certeza de que tanto Henrique Dias, Maria Clementina e Guerreiro Ramos, percebem que a conquista que pretendem em suas vidas exigirá muito esforços pessoais. Para este subgrupo, o termo sonho, simbolicamente, pode ser entendido como uma metáfora da distância para se atingir o objetivo e por mais que existam as dificuldades concordamos com Brum (2017, p. 133), quando este nos traz que os sonhos são os

---

<sup>24</sup> Destaque no original.



“representantes desta busca sempre faltante, sempre deslizando entre os significantes que nunca se esgotam” e por sempre existirem podemos afirmar que é “impossível existir sem sonhos” (Freire, 2001, p. 35). Também sonharam com o tempo futuro: Dandara dos Palmares, Antonio Candeia e Antonio José Dutra, e visto que os/as 5 Afrocientistas compartilharam um sonho que por nós foi ouvido (Brum, 2017, s.p.), passa-se a termos um segundo momento, pois com o seguimento do partilhar não se sonha mais só, pois “sonho que se sonha junto é realidade”.<sup>25</sup>

Desse grupo três Afrocientistas acalantam aspirações desde a tenra idade. Este é o caso de Henrique Dias que afirmou: “Eu quero fazer esse curso [para oficial da Polícia Militar] porque desde criança eu assisto vídeos [...]”, uma vontade também encontrada em Antonio Candeia que assim se expressou: “eu quero ir pro meu sonho desde pequeno”. Antonio José Dutra é enfático ao afirmar que anseia em cursar enfermagem “[...] Desde pequeno [...]”. Maria Odília Teixeira que pretende ser médica pediátrica menciona que pensa nessa profissão “Desde pequena [...] ao longo do tempo eu percebi que gostava muito de criança, foi aí que vi que iria me especializar em pediatria. Continuo com a vontade de ser pediatra”. Odília Teixeira ainda afirma querer “ser a primeira médica da família, assim, dando orgulho aos meus pais e a mim mesma. [Conquistando] um futuro melhor”.

Estes dias que estão a frente numa melhor condição de vida alcançada por meio dos bancos escolares já era um projeto de vida destacado por Gonzalez (2020, p. 176), pois de acordo com esta intelectual negra a “gente que é pobre tem de estudar pra ver se melhora de vida”. Essa perspectiva de mobilidade social é encontrada nos discursos de Maria Odília Teixeira e Cleonice Assumpção Alakija que alicerçam essa mudança trazendo para suas falas o verbo querer. Assim temos respectivamente “Um futuro melhor, é o que eu quero [...]” e “Eu quero fazer Medicina Cirurgiã ou Técnica em Informática pois são profissões que darão um bom futuro para mim” E, assim, diante da força expressada pelo verbo querer, para nós entendido quase como o sinônimo para desejo, nos vimos diante da força dos versos da música Canção do sal<sup>26</sup>, na qual temos a instituição escolar como a possibilidade de dias melhores, bem como de humanização:

Filho vir da escola  
Problema maior, estudar

<sup>25</sup>Estrofe da música Prelúdio. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/raul-seixas/165312/>>. Acesso 02 out. 2022.

<sup>26</sup>Estrofe da música Canção do sal. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/1160872/>>. Acesso 02 Out. 2022.



Que é pra não ter meu trabalho  
E vida de gente levar.

## METAS E OBJETIVOS

Dois Afrocientistas nos trazem os termos meta e objetivo, os quais nos sugerem uma maior consolidação de planos para o futuro assim, para Emanuel Araújo:

Ser tatuador e se tornou uma das minhas metas, pra conseguir ser tatuador tenho que fazer um curso de traço e um curso de realismo, depois que eu terminar ambos os cursos arrumo um emprego alugo um lugarzinho reformo aos poucos. Compro os equipamentos e abro meu Studio.

Já Maria da Conceição Silva apresenta interesse em se graduar na área de

Educação Física, porque é um curso que se encaixa com o meu projeto de vida que é ser Jogadora de Futebol. Pretendo fazer através de uma bolsa que meu treinador ofereceu na Uninassau, e meu objetivo principal é aprender para que um dia eu posso ensinar também dar aulas em escolas, criar um projeto de Futebol ou 'Futesal', para ensinar as pessoas o que os esportes tem de melhor a oferecer.

Os discursos de Emanuel Araújo e de Maria da Conceição deixam transparecer dois aspectos distintos para atingir suas metas profissionais. Enquanto ele almeja alugar um espaço para ter seu estúdio e desenvolver sua “arte” (“quero ter um lugarzinho para reformar aos poucos”), ela, pretende ser educadora física e contribuir com a sociedade, mostrando o que de bom o esporte tem para oferecer. Ambos os Afrocientistas compartilham desafios que estarão no tempo a frente, mostrando-se potencialmente preparados para o futuro (Oliveira; Pinto; Souza, 2003, s.p.).

Quanto a dicionarização das categorias de registro meta: “poste, marco, cordel ou qualquer outro sinal que indica ou demarca um ponto final [...] alvo, mira, objetivo” (Ferreira *et al*, 2000, p. 917) e objetivo: “alvo ou fim que se pretende atingir [...] propósito” (Ferreira *et al*, 2000, p. 986), nos indica uma sobreposição e uma complementaridade entre ambas que trazem, sejam juntas ou isoladas, uma [possível] concretude.

## LONGE DE SER UMA VONTADE É UM DESEJO...



O desejo, de acordo com Miller (1999) é um objeto de satisfação para ser reconhecido pelo outro. Ainda em conformidade com este autor temos que “não [se] encontra o desejo já pré-formado no organismo [...] ele se deve à linguagem. É um fato de cultura, ou, mais exatamente, um efeito do simbólico (Miller, 2013, s.p.). O desejo enquanto uma elaboração pode ser encontrado no discurso de três Afrocientistas: Henrique Dias reitera “Quero ser porque tenho o desejo de ajudar a população”; Emanuel Araújo, por seu lado, declara que após assistir à atuação de um tatuador na praia, sentiu-se motivado e “[...] comecei a desenhar com canetinha nos meus amigos da rua daí veio o desejo de ser tatuador” e, por fim, Antonio José Dutra foi influenciado por sua mãe e ele nos afirma: “A profissão que desejo seguir é enfermagem, conseguindo isso, irei realizar meu sonho [...]. Desde pequeno [fui despertado] por minha mãe [ela], acabou despertando esse desejo em mim também [...]”.

### OUTRAS PALAVRAS...

É durante a adolescência e a juventude que se observa um grande desenvolvimento na capacidade de iniciar planos de vida, porém é uma fase de angústias e incertezas, por exemplo, no planejamento profissional. Dandara dos Palmares sonha em ser policial ou bombeira, porém nos declara: “‘to’ na dúvida ainda sobre mais acho que o principal mesmo é policial”. Cleonice Assumpção Alakija ao se referir ao curso de medicina afirma não ter “certeza se quero seguir essa profissão pois não me identifico muito bem nela”. Por sua vez, Ítala Silva de Oliveira nos apresenta a possibilidade de atuar como maquiadora, pois “Desde pequena que eu gosto de maquiagem, pegava as *makes* da minha mãe e passava em mim agora pouco, estou conseguindo ter minhas *makes*, apoio da minha vó e da minha mãe”.

Quem nos detalha outras possibilidades de atividade no futuro é Maria da Conceição Silva que anuncia “Pretendo cursar Artes porque sou extremamente apaixonada pelas coisas que as artes me proporcionam. Quero muito aprender cada ponto e cada vírgula que a arte tem a me ensinar. Tenho interesse em outros cursos também como Gastronomia e Filosofia, que também são duas profissões que me encontro. Gastronomia é para mim aprender a fazer tipos de comidas etc.”



Como pode ser observado quatro Afrocientistas expressam planos alternativos quanto a carreira que desejam seguir, expondo indecisões, mas também que há um mundo de possibilidades. Esse aspecto se torna amplamente positivo, posto que, em geral, estudantes negros/as e de escolas públicas nem sempre são incentivados a refletirem acerca de seus interesses e habilidades.

### OUVINDO OS/AS NOSSOS/AS MAIS VELHOS/AS

Nos relatos de Antonio Candeia, Antonio José Dutra e Cleonice Assumpção Alakija lemos referências a integrantes de suas famílias, as quais apresentaram influência na definição das futuras carreiras. Aqui não estamos diante, unicamente, de um laço sentimental e ou familiar, mas nos deparamos como sujeito suposto saber, uma “categoria do pensamento lacaniano que consiste nas figuras as quais nos identificamos imaginariamente e que, idealizamos, assumindo seus valores como nossos” (Lacan, 1966 *apud* Gonzalez, 2020, p. 54).

Os discursos dos Afrocientistas são sugestivos da influência desta categoria analítica proposta pelo psicanalista francês Jean Jaccques Lacan. Assim temos que Antonio Candeia assistiu seus avôs e tios “[...] fardados e achava muito bonito crescendo aquilo e “senpri” [sic] quis ser policial [...]”. Antonio José Dutra mostrou-se influenciado por sua mãe “[...]ser enfermeira, acabou despertando esse desejo em mim também [...]”. Cleonice Assumpção Alakija em seguir pela área da tecnologia da informação “[...] por influência da minha família [...]”. Essas colocações são corroboradas pela fala de Rogério Duran<sup>27</sup> para quem “ninguém escolhe uma profissão sem criar uma personagem, sem criar uma imagem dessa profissão, não é uma escolha abstrata parte-se um horizonte de escolha”.

Ítala Silva de Oliveira, que pretende ser a primeira médica de sua família, não nos traz um sujeito suposto saber, mas nos apresenta o grande apoio que recebeu de sua avó: “e minha vó me apoiou muito quando eu falei que queria trabalhar como médica ela falou para mim estudar para ser uma grande doutora, para ser chamada de Dra.”. Para Ítala e para Antonio José Dutra, é bem perceptível a proximidade da figura feminina na elaboração

---

<sup>27</sup> O que você quer ser quando crescer? Com Rogério Duran e Christian Dunker. Falando Nisso 325. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=R-xAhzdt9WA>>. Acesso 12 de Out. 2022.



destes projetos de vida que poderão ser executados no tempo que virá a frente o que nos aponta para o “importante papel da mulher no âmbito da estrutura familiar” (Gonzalez, 2020, p. 161). Assim de acordo com Miller (1984), a partir do sujeito suposto saber observamos um processo de transferência o qual passa a estruturar os anseios para futuro. Neste âmbito familiar também pode ter ocorrido o processo de identificação entre o/a Afrocientista (o sujeito) e o/a significante (Lacan, 1961/62, s.p.) entendido como “a ‘materialidade sonora’ da linguagem” (Almeida, 2017, p. 41), pois a “criança desde o nascimento (e também na vida intrauterina), é marcada por sons, toques, cheiros, fala materna, pela língua de origem” (Almeida, 2017, p. 136), tudo a que se denomina como significante.

Em uma posição oposta a dos quatro Afrocientistas já citados, encontramos Dandara dos Palmares e Maria Odilia Teixeira que não apresentam uma referência familiar e que mesmo assim não esmorecem em relação a futura profissão. A este respeito Maria Odilia afirma que: “[...] quero ser a primeira médica da família, assim, dando orgulho aos meus pais e a mim mesma [...]”.

### **BENNE-O<sup>28</sup>: PALAVRAS FINAIS**

Historicamente a população negra brasileira que aqui chegou por intermédio da diáspora africana iniciada em meados do século XVI, de escravizados/as tornaram-se cidadãos/cidadãs de segunda categoria, quase sem direitos sociais. Os 134 anos vividos após o 13 de maio mostram-se profundamente marcados pelos 343 anos (1545 a 1888) nos quais a gente negra viveu sob escravização. A dita Nova República mostrou-se socialmente desigual quanto as que a antecederam no que tange ao tratamento dispensado à população negra e, inclusive, os marcos legais como o ECA e EJA, instrumentos normativos importantes, no entanto prevalece um perfil marcado pela colonialidade do ser e do poder, uma vez que não tratam, por exemplo, da diversidade sociorracial que temos no Brasil. Em que pese ser a adolescência e os anos iniciais da juventude, serem de grandes indefinições quanto a projetos de vida para o futuro, encontramos entre os/as

---

<sup>28</sup> Léxico originário do povo Dogon que habita o Mali e Burquina Faso, dois territórios da África Ocidental: “palavra do lado” – que leva a uma troca de informações mais aprofundadas (Karenga, 2009, p. 346).



Afrocientistas aqui apresentados/as sonhos, metas, planos no que concerne a sua inserção no mundo no trabalho nos tempos que virão a frente.

Os discursos aqui discutidos, longe de serem ilusões, nos apresentam o quanto este grupo de estudantes secundaristas dão importância na incorporação no mundo do trabalho e possíveis profissões que poderão desempenhar nas suas vidas. E diante do sentimento por eles/as demonstrados manifesta em nós uma preocupação, pois ao responder à pergunta: o que você quer ser quando crescer? Estudos, como o do psicanalista de orientação lacaniana Cristian Dunker<sup>29</sup>, demonstram que “alguns poucos podem escolher. A grande maioria não. De fato, apenas 17%, de pessoas no mundo trabalham com aquilo que puderam escolher e gostam daquilo que escolheram”, e assim diante desta informação nos surge outra inquietação: conseguirão os/as Afrocientistas incluírem-se nesse agrupamento tão reduzido de pessoas? É um questionamento para o qual, ainda não temos a resposta, pois estamos mirando para os tempos que estão a nossa frente, porém ao longo das atividades do projeto temos nos envidado para que alcancem os seus objetivos, pois como já previamente colocado no presente texto: “sonho que se sonha junto é realidade”.

A grande maioria deles/as abrirá o caminho, possivelmente, para que outras pessoas da família os/as sigam, pois com exceção de Antônio Candeia e de Antonio José Dutra nenhum/a outro/a Afrocientista apresenta um exemplo endógeno para se espelhar e aqui não estamos apenas diante de um vínculo familiar, mas sim da presença de “sujeito suposto saber” na vida de cada um deles. Talvez uma única exceção fosse Emanuel Araújo, o qual passou a ter a meta de ser um tatuador após ver um profissional desta área em atuação.

Os/as Afrocientistas mostram-se unânimes ao falarem da importância do projeto em suas vidas, expondo pontos ligados ao enfrentamento ao racismo e do conhecimento de uma história que a eles/as foi negada. Temos ainda discursos, como os de Antonio José Dutra, que relacionam as atividades desenvolvidas com o aumento da oportunidade de alcançar o seu sonho.

Nesta terceira edição do Projeto Afrocientistas percebemos o estabelecimento de um vínculo muito mais estreito entre a escola os/as discentes e o NEABI da UFPB. Parte desta aproximação pode ser creditada ao grupo de estudantes mais maduros/as e com seus

---

<sup>29</sup> O que você quer ser quando crescer? Com Rogério Duran e Christian Dunker . Falando Nisso 325. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=R-xAhzdt9WA>>. Acesso 12 de Out. 2022.



olhos mais voltados para o tempo que vem à frente, pois parte deles/as ainda vivenciando o final da adolescência ou os anos iniciais da juventude, já assumiram responsabilidades de pessoas adultas. Junto a essa possibilidade pode ser somada o efeito do afastamento social, das perdas, das incertezas vividas ao longo dos períodos mais críticos da pandemia da Covid-19. E assim finalizamos esse terceiro momento do Projeto com a certeza de um trabalho realizado e também com a sensação de satisfação pelo fato de 5 dos/as participantes terem concluído o Ensino Médio e com potencial para concretizar sonhos e cidadania republicana.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Castello de. *Elogio a Jacques Lacan*. São Paulo: Summus Editorial, 2017.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRUM, Antonio Francisco Maineri. O sonho, o ato e o significante. *Psicanálise*, v. 19, n.2, 2017, p. 127-134.
- CURY, Cláudia Engler. “*Abrindo o baú de memórias*”: políticas culturais no Brasil, subsídios para construção de brasilidade (1930-1990). João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- EVISKY, David Léo. *Adolescência*. Reflexões psicanalíticas. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- DOMINGOS, Luis Tomas. A visão africana em relação à natureza. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. III, n. 9, 2011, p. 1-11.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda *et al.* *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- GOMES, Joaquim B. Barbosa. *Ação afirmativa e o princípio constitucional da igualdade*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social*. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Enciclopédia negra*. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- GOMES, Nilma Lino; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Resistência democrática: a questão racial e a constituição federal de 1988. *Educação e Sociedade*, v. 39, n. 145, 2018, p. 928-945.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo latino americano*. São Paulo: Zahar, 2020.

JEHA, Silvana. Ganhar a vida. uma história do barbeiro africano Antônio José Dutra e sua Família. Rio de Janeiro, Século XIX. *Revista de história*, n. 176, 2017, p. 1-35.

KUHN JUNIOR, Norberto; MELLO, Bárbara Birk de. A noção de infância e adolescência: inflexões decoloniais sobre os direitos de crianças e adolescentes na América Latina. *Revista Brasileira de História & Ciências*, v. 12, n. 24, 2020, p. 284-312.

LACAN, Jacques. Seminário 9: A identificação (Lições originalmente pronunciadas em 1961-1962). Recife, PE: *Centro de Estudos Freudianos do Recife*, 2003, sd.

LACERDA, Ana Cláudia Mourão de, et al. “O que vou ser quando crescer?”: Reflexões sobre uma prática extensionista de sensibilização em uma escola pública. *Pretextos, Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 5, n. 10, ano, 2020, p. 403-419.

LOYOLA, Cristina Maria Douat. Juventude, educação, sonhos, desejos e expectativas: experiência da Casa Familiar Rural no Maranhão. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, 2021, p. 1-13. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23888>. Acessado em: 06 outubro de 2022.

MILLER, Jacques-Alain. Lacan, professor de desejo. *Opção Lacaniana on line*, n.4, 2013, p. 1-9. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_12/lacan\\_professor\\_desejo.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_12/lacan_professor_desejo.pdf) Acessado em: 06 de outubro de 2022.

MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984.

MORAIS, Danilo de Souza; RAMOS, Paulo Cesar. Juventude negra na construção democrática brasileira do século XXI. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, v.5, n.9, 107–125, 2013, p 107-125. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/239>>. Acessado em: 06 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos; Lopes de; PINTO, Raquel Gomes; SOUZA, Alessandra da Silva. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia*, v. 11, n. 1, 2003, p. 16–27.

OSÓRIO, Rafael G. *O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE*. Brasília, DF: IPEA, 2003.

SANTOS, Sivaldo Reis. Cleonice Assumpção Alakija: a trajetória de uma das primeiras médicas negras de Salvador (1910-2000). *Ágora*, Salvador: Editora da UFBA v.32, n.1, 2021, p.1-16.

SANTOS, Jucimar Cerqueira; SANTOS, Mayara Priscilla de Jesus. Da educação ao ensino superior: o desafio das mulheres de cor e trabalhadoras para alcançar a educação escolar no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX. *Revista do Programa e Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, Manaus: Editora da UFAM, v. 11, n. 2, 2019, p. 51-76.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



SILVA, Adriana de Mello Amorim Novais; BENEDICTIS, Nereida Maria Santos Mafra de. Roda de conversa: diálogo docente para o acompanhamento do ensino aprendizagem na EJA da Rede Estadual da Bahia. *Revista de Iniciação à Docência*, Vitória da Conquista: Editora da UESB, v.6, n.2, 2021, p. 267-283.

SILVA, José Antonio Novaes. O processo de ensino/aprendizagem em Biologia frente aos novos paradigmas: contribuições para a elaboração de saberes inclusivos pautados na Lei 10.639/2003. In: BENITE, Anna Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintino. *Trajetórias de descolonização na escola: o enfrentamento do racismo no ensino de ciências e tecnologias*. Belo Horizonte, Nandyala, 2020.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, Natal: Editora da UFRN, v. 17, n. 3, 2012, p. 353-360.

SOUZA, Jussara Freire de; SILVA, Richarde Marques da. Transformações recentes no uso e ocupação do solo nos bairros de Água Fria e José Américo, João Pessoa PB. *Cadernos do Logepa*, v. 6, n. 1, jan./jun., 2011, p. 25-40.

TREECE, David. Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos 1970. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiro*, n. 70, p. 166-188. São Paulo: Editora da USP, 2018

UNESCO. Políticas públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO. Waiselfisz, Julio Jacobo. *Relatório de desenvolvimento juvenil*, 2003. Brasília: UNESCO, 2004.

*Recebido em: 08/11/2022*

*Aprovado em: 15/03/2023*